

O Príncipe, o Conflito Social e a Construção de uma Identidade Coletiva em Maquiavel

[The Prince, the Social Conflict and the Construction of a Collective Identity in Machiavelli]

Vinícius Leardini Gonzaga*

Resumo: Este texto visa examinar o modo pelo qual é construída, em *O príncipe* de Maquiavel, uma identidade coletiva, bem como os limites dessa construção. Primeiramente, buscamos demonstrar o primado do conflito social sobre todos os demais elementos considerados por Maquiavel, inclusive o príncipe. Em seguida, procuramos indicar a complexidade dessa determinação, pois a ação principesca também afeta o referido conflito ao incidir sobre ele. Por fim, uma vez que Maquiavel rejeita o meio-termo (*via del mezzo*), o “príncipe” (*principe*) deve se apoiar ou nos “grandes” (*grandi*) ou no “povo” (*populo*). Buscamos demonstrar que provém do ânimo popular a manutenção do principado, ao passo que o “povo” deseja “não ser comandado nem oprimido”, de modo a identificar nessa relação tanto o processo de construção de uma identidade coletiva – a qual é estabelecida efetivamente em prol da liberdade – como também os seus limites.

Palavras-chave: Maquiavel. *O príncipe*. Conflito social. Identidade coletiva.

Abstract: This text aims to examine the way in which a collective identity is constructed in Machiavelli's *The Prince*, as well as the limits of this construction. First, we seek to demonstrate the primacy of social conflict over all other elements considered by Machiavelli, including the prince. Next, we seek to indicate the complexity of this determination, as the prince's action also affects the aforementioned conflict by influencing it. Finally, since Machiavelli rejects the middle way (*via del mezzo*), the “prince” (*principe*) must rely either on the “great” (*grandi*) or on the “people” (*populo*). We seek to demonstrate that the maintenance of the principality comes from the popular humour, while the “people” want “not to be commanded or oppressed”, in order to identify in this relationship not only the process of building a collective identity – which is effectively established in favor of freedom – but also its limits.

Keywords: Machiavelli. The Prince. Social conflict. Collective identity.

*Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Filosofia da Universidade Federal de São Paulo (PPGF-Unifesp) sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Patrícia Fontoura Aranovich. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Membro do Grupo de Pesquisa Res Publica. E-mail: viniciuslgonzaga@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1099-8877>.

O objeto desta exposição é o processo de constituição da identidade popular formulada em *O príncipe* de Maquiavel. Esse processo é pensado como uma relação contraditória entre o povo (*populo*) e o príncipe (*principe*), na qual essa identidade depende tanto da intervenção do príncipe no conflito entre o povo e os grandes (*grandi*), como de sua exclusão da cena política. É a ação principesca que garante a proteção popular em relação aos grandes, mas o viver livre que o povo almeja só pode ser alcançado se ele se constitui em corpo autônomo, separado do príncipe.

O primado do conflito social sobre o príncipe

O capítulo IX d’*O Príncipe* trata “Do principado civil” (*De principatu civili*)¹. Assim Maquiavel denomina a forma de governo em que “um cidadão privado se torna príncipe de sua pátria [...] pelo favor de seus concidadãos [...]” (MAQUIAVEL, 2017, p. 45; MACHIAVELLI, 2006, p. 163)². Tal capítulo é central por nele estar de algum modo implícita a conjuntura para a qual a intervenção maquiaveliana busca ser útil e, sobretudo, pelas determinações conceituais que ele mobiliza.

Se nos detivéssemos nessa definição poderíamos considerar que o principado civil provém de um consenso entre todos os cidadãos. No entanto, Maquiavel efetivamente rejeita esse consenso com a emergência da sua teoria dos humores:

[...] digo que se ascende a esse principado pelo favor do povo ou pelo favor dos grandes. Pois, em todas as cidades, existem esses dois humores diversos, que nascem da seguinte razão: o povo deseja não ser comandado nem oprimido pelos grandes, enquanto os grandes desejam comandar e oprimir o povo; desses dois apetites opostos, nasce nas cidades um destes três efeitos: principado, liberdade ou licença (MAQUIAVEL, 2017, p. 45; MACHIAVELLI, 2006, p. 163-164).

¹Não é fácil determinar o significado de “principado civil”. Tal forma de governo seria efetivamente um principado, mas instaurado e mantido na medida em que considera as tradições republicanas da cidade, como ocorria então em Florença. Para tal categoria em Maquiavel, cf. MARTINS, 2017.

²As referências às obras de Maquiavel neste trabalho são feitas primeiramente segundo as edições brasileiras e, em seguida, segundo a *Edizione Nazionale delle Opere de Niccolò Machiavelli*.

Por tal passagem observamos que esses humores (isto é, o conflito social) possuem um valor universal e fundamental. *Universal* pela abrangência, pois Maquiavel não nos diz algo como “em uma única cidade” ou mesmo “em algumas cidades”, mas sim: “*em todas as cidades [in ogni città]*, existem esses dois humores diversos”. *Fundamental* pela posição que ocupam em seu dispositivo teórico, pois decorrem deles as formas que a “História” recebe: “desses dois apetites opostos, nasce nas cidades um destes três efeitos: principado, liberdade ou licença”. Retomando uma expressão empregada nos *Discursos*, tal conflito é a “prima causa” de tais formas³.

Logo, nenhuma forma de governo é a realização de uma determinação (seja a natureza ou a providência divina) dada *a priori*, a qual permitisse tanto a sua viabilização quanto a sua pertinência. Em vez disso, tais formas são efeitos da dinâmica própria às lutas sociais, ou seja, contingentes. Isso é realçado pelo papel que desempenha a “ocasião”: “O principado provém do povo ou dos grandes, conforme a ocasião tenha uma ou outra dessas partes” (MAQUIAVEL, 2017, p. 45; MACHIARELLI, 2006, p. 164). A *occasione*, termo que efetiva a ação, tem por característica ser fortuita e também fugidia, como se pode ver no capítulo VI d’*O Príncipe* e no poema *Dell’Occasione*⁴. Nesse sentido, Maquiavel opera – para dizer com Miguel Vatter – uma “dessubstancialização do Estado” (VATTER, 2014, p. 27).

Assim sendo, constatamos que, para o filósofo florentino, no processo histórico-político o primado é do conflito social sobre os demais elementos que o constituem, inclusive sobre a ação do príncipe. Porém, cabe acrescentar que essa determinação é complexa, uma vez que ela não se dá direta e imediatamente, mas em última instância. Ou seja, a ação do príncipe no confronto entre o povo e os grandes conserva um certo grau de autonomia. Vejamos como isso ocorre.

A autonomia do príncipe relativa ao conflito social vimos que “O principado provém do povo ou dos grandes”, porém, quando provém dos grandes é para que estes possam “desafogar seu apetite” em relação ao povo (MAQUIAVEL, 2017, p. 45; MACHIARELLI, 2006, p. 164), ao passo que, quando ele provém do povo, é, ao contrário, para o povo ser “defendido por sua autoridade” contra os “grandes” (MAQUIAVEL, 2017, p. 45; MACHIARELLI, 2006, p.

³“Direi que quem condena os tumultos entre os nobres e a plebe parece censurar as coisas que foram a causa primeira [*prima causa*] da liberdade de Roma [...]” (MAQUIAVEL, 2007, p. 21; MACHIARELLI, 2001, p. 33).

⁴A ocasião é fortuita: cf. MAQUIAVEL, 2017, p. 26; MACHIARELLI, 2006, p. 115. A ocasião é fugidia: cf. MAQUIAVEL, 2011, pp. 246-247).

164). Nisso estão implícitos o fim almejado pelos grandes e o fim almejado pelo povo. Mas, perseguiria o príncipe um fim que lhe fosse próprio? É o que Maquiavel sustenta quando, ao dizer que: “Cuide, pois, o príncipe de vencer e manter o estado [...]” (MAQUIAVEL, 2017, p. 88; MACHIAVELLI, 2006, p. 241), identifica a existência de um fim propriamente principesco, diverso do fim dos grandes e daquele popular.

Além disso, a determinação do processo histórico-social por tais humores não é uma relação de causalidade linear, logo, o príncipe desempenha nele um papel relativamente autônomo. Podemos observar no capítulo IX d’*O Príncipe* que, para se alçar à condição de príncipe, o cidadão que a almeja deve ter um determinado grau de iniciativa, de modo que, para se alcançar o principado, diz Maquiavel, “não é necessário ter propriamente *virtù* nem propriamente fortuna, mas, antes, uma astúcia afortunada [...]” (MAQUIAVEL, 2017, p. 45; MACHIAVELLI, 2006, p. 163). Essa expressão (“astúcia afortunada”) manifesta o que estamos assinalando. No termo “afortunada” temos o aspecto do contexto no qual a ação ocorre, ou seja, na conjuntura que a efetiva, o que nos remonta ao conflito social, a *prima causa* maquiaveliana, ao passo que no termo “astúcia” temos o aspecto da iniciativa conferida ao cidadão que almeja o principado.

Ademais, vemos ainda que o povo “confere reputação a alguém [*uno*]” (MAQUIAVEL, 2017, p. 45; MACHIAVELLI, 2006, p. 164), não sendo então esse novo príncipe necessariamente de origem popular. Quando a decisão cabe aos grandes, a despeito de conferirem reputação a *uno di loro*, isto é, a um dentre os seus (MAQUIAVEL, 2017, p. 45; MACHIAVELLI, 2006, p. 164), o príncipe “contra o povo e com o favor dos grandes deverá, antes de qualquer outra coisa, procurar ganhá-lo para si [...]” (MAQUIAVEL, 2017, p. 47; MACHIAVELLI, 2006, p. 167), ou seja, ele deverá inclinar-se prontamente a favor do povo, este humor contra o qual ascendeu ao poder. A indeterminação da origem naquele caso e a inflexão necessária a este nos levam a concordar com Sebastián Torres quando identifica o príncipe em Maquiavel como uma *posição* (2013, p. 153). Desse modo, o príncipe não é mero epifenômeno da luta social, a despeito de ser determinado por ela, de modo que a sua ação possui uma eficácia própria.

Dito isso, estamos em condições de considerar a construção de uma identidade coletiva.

A construção de uma identidade coletiva

Maquiavel, abordando a manutenção do principado, contrasta o apoio nos grandes com o apoio no povo. Rejeitando o princípio que alhures denomina *via del mezzo*⁵, isto é, um caminho intermediário, faz o prato da balança pender em prol do apoio popular. Assim, vemos que o príncipe novo deve permanecer com a amizade popular ou deve prontamente granjeá-la: “quem se tornar príncipe pelo favor do povo deverá manter sua amizade [...]” (MAQUIAVEL, 2017, p. 47; MACHIAVELLI, 2006, p. 167) e, como já dissemos acima: “quem se tornar príncipe contra o povo e com o favor dos grandes deverá, antes de qualquer outra coisa, procurar ganhá-lo para si [...]” (MAQUIAVEL, 2017, p. 47; MACHIAVELLI, 2006, p. 167). Ou seja, a amizade popular é, para o príncipe, imprescindível. E, considerando as várias razões dessa necessidade, Maquiavel escreve: “jamais pode um príncipe assegurar-se contra a inimizade do povo, porque são muitos; no entanto, pode assegurar-se contra os grandes, porque são poucos” (MAQUIAVEL, 2017, p. 46; MACHIAVELLI, 2006, p. 165).

Com isso, temos o seguinte quadro: o fim perseguido pelo príncipe é “vencer e manter o estado”, e, para mantê-lo, necessita contar com a amizade popular, dado que, ao contrário dos grandes, os do povo são muitos. Logo, cabe ao príncipe interpretar a dimensão positiva do desejo popular, que nos foi dado primeiramente de modo negativo: “*não* ser comandado *nem* oprimido”. No capítulo IX encontramos-a como sendo a “proteção”: “[ganhar a amizade do povo] será fácil, se lhe der proteção” (MAQUIAVEL, 2017, p. 47; MACHIAVELLI, 2006, p. 167), e nos *Discursos* o “viver livre”: “E sem dúvida, se considerarmos o objetivo dos nobres e o dos não nobres, veremos naqueles grande desejo de dominar e nestes somente o desejo de não ser dominados e, por conseguinte, maior vontade de viver livres [...]” (MAQUIAVEL, 2007, p. 24; MACHIAVELLI, 2001, p. 38).

Assim sendo, o príncipe deve agir para garantir a proteção e a liberdade do povo, decorrendo disso a instauração de um espaço comum entre príncipe e povo, que pode ser apreendida nesta passagem d’*O Príncipe*:

Os homens, universalmente, julgam as coisas mais com os olhos do que com as mãos, porque todos podem ver, mas poucos podem sen-

⁵Um outro exemplo da rejeição maquiaveliana desse princípio, mas com o emprego de tal expressão (*via del mezzo*), encontra-se no capítulo 6 do Livro I dos *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*.

tir. Todos veem aquilo que parece, mas poucos sentem o que és; e esses poucos não ousam opor-se à opinião da maioria, que tem, para defendê-la, a majestade do estado. Nas ações de todos os homens, e sobretudo nas dos príncipes, em que não há tribunal ao qual reclamar, considera-se o fim. Cuide, pois, o príncipe de vencer e manter o estado: os meios serão sempre julgados honrosos e louvados por todos, porque o vulgo está sempre voltado para o que parece e para o resultado das coisas, e não há no mundo senão o vulgo; e os poucos não têm vez quando os muitos têm onde se apoiar (MAQUIAVEL, 2017, pp. 87-88; MACHIAVELLI, 2006, pp. 241-242).

Como se vê, esse espaço comum é um espaço de atribuições. O príncipe age e a qualidade da sua ação é dada apenas *a posteriori*, isto é, apenas nos efeitos que produz – nas palavras de Patrícia Aranovich: “[Em Maquiavel] as virtudes perdem substância ao revelarem-se apenas nos resultados das ações” (ARANOVICH, 2014, p. 34) –, ao passo que o povo age julgando tais efeitos. Esses efeitos são concretos e também da ordem do imaginário, pois remetem à aparência da ação. Podemos dizer então com Stefano Visentin: “[o] domínio [do príncipe] coincide com a efetividade e com a visibilidade dos seus atos” e assim: “ele entrelaça com os seus súditos um jogo de paixões e de imaginações que não se exaure exclusivamente na capacidade daquele plasmar os desejos destes (ou seja: o príncipe não é o lado ativo deste jogo, enquanto o povo é apenas aquele passivo)” (VISENTIN, 2013, p. 289).

Posto isso, temos as bases para apreender a construção de uma identidade coletiva. *Construção*: como o príncipe e o povo possuem os seus próprios fins, a identidade não é dada *a priori*, sendo então preciso construí-la. *Identidade*: embora tenham seus respectivos fins, príncipe e povo são interdependentes, e assim, aquilo a ser construído deve ter uma identidade entre eles. *Coletiva*: os do povo “são muitos”, ou seja, correspondem a um humor propriamente coletivo.

Resta, no entanto, formular a seguinte questão: pode o príncipe atender, efetiva e concretamente, ao viver livre? Vimos Maquiavel distinguir liberdade e principado – “desses dois apetites opostos, nasce nas cidades um destes três efeitos: principado, liberdade ou licença”. Isso significa que o povo quer viver livre, mas a liberdade aqui está além do principado, portanto, a unidade entre o príncipe e o povo constitui apenas um momento da construção da identidade coletiva.

Logo, podemos concluir que a identidade popular é uma construção contínua, voltada para o viver livre, e que, para ser obtida, exigirá a luta contra o príncipe, o qual, contudo, contribui para ela por um determinado momento, muito embora à sua revelia.

Referências

- ARANOVICH, Patrícia Fontoura. Notas sobre as relações entre fim e meios em Maquiavel. In: SALATINI, R.; DEL ROIO, M. (org.). *Reflexões sobre Maquiavel*. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014, pp. 21-36.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *Discursos sobre a primeira década de Tito Lívio*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- MAQUIAVEL, Nicolau. Di Fortuna e Dell'Occasione, di Niccolò Machiavelli [bilíngue]. Tradução de Patrícia Fontoura Aranovich [bilíngue]. *Cadernos De Ética e Filosofia Política*. São Paulo, v. 1, n. 18, pp. 231-247, jun. 2011. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cefp/article/view/55731>. Acesso em: 25 fev. 2022.
- MAQUIAVEL, Nicolau. *O príncipe*. Tradução de Maria Júlia Goldwasser. São Paulo: Martins Fontes, 2017.
- MACHIAVELLI, Niccolò. *Discorsi sopra la prima deca di Tito Lívio*. Edizione Nazionale delle Opere – I/2, a cura de Francesco Bausi, Roma: Salerno, 2001.
- MACHIAVELLI, Niccolò. *Il Principe*. Edizione Nazionale delle Opere – I/1, a cura de Mario Martelli. Roma: Salerno Editrice, 2006.
- MARTINS, José Antônio. “O príncipe republicano”. *Associação Brasileira de Ciência Política*, Rio de Janeiro, 2017. Disponível em [<https://cienciapolitica.org.br/web/system/files/documentos/eventos/2017/02/sobre-principado-e-estado-principe-maquiavel-344.pdf>]. Acesso em 25 fev. 2022.
- TORRES, Sebastián. *Vida y tempo de la república: contingencia y conflicto político en Maquiavelo*. Los Polvorines: Universidad Nacional de General Sarmiento; Córdoba: Universidad Nacional de Córdoba, 2013.
- VATTER, Miguel E. *Between Form and Event: Machiavelli's Theory of Political Freedom*. New York: Fordham University, 2014.
- VISENTIN, Stefano. «Tenere animato l'universale»: visibilità del popolo in Machiavelli'. In: CAPORALI, Riccardo; MORFINO, Vittorio; VISENTIN, Stefano (orgs.). *Machiavelli: tempo e conflitto*. Milano Udine: Mimesis, 2013, pp. 275-292.

Recebido: 29/03/2022

Aprovado: 10/04/2022

Publicado: 30/04/2022

